

AS REPRESENTAÇÕES LIGADAS À SAGRADA FAMÍLIA E A ESCULTURA RELIGIOSA DA SÃO PAULO COLONIAL

Maria José Spiteri Tavolaro Passos

*Doutora em Artes Visuais;
Pesquisadora do grupo “Barroco Memória Viva” (CNPq/Instituto de Artes/UNESP – SP);
Docente na Universidade Cruzeiro do Sul (SP)
mjspiteri@uol.com.br*

RESUMO

O cenário sócio-político que envolveu o período colonial brasileiro foi pautado além das diretrizes metropolitanas por princípios religiosos que de certo modo guiavam os colonos, orientando-os na fé e na moral.

Nesse contexto as figuras dos santos foram de grande valia e algumas das principais devoções cultuadas na colônia, entre elas as relacionadas à Sagrada Família, podem ser entendidas como um instrumento orientador para os valores e conduta dos habitantes das novas terras, o que nos permite estabelecer relações entre a recorrência dessas imagens nas igrejas de então e interesses que poderiam permear aquela estrutura social.

Palavras-chave: Escultura, São Paulo, Período Colonial, Arte Sacra, Sagrada Família

APRESENTAÇÃO

No Brasil Colonial, ao lado dos interesses da metrópole, os princípios religiosos em muito contribuíram para guiar aqueles que viviam nas novas terras, orientando a fé e a moral e influenciando não apenas suas crenças, mas suas ações.

Nesse contexto, a promoção do culto aos santos foi de fundamental importância, para o que, concorreram os religiosos e os membros das fraternidades leigas, que reuniram nos espaços sagrados um extenso repertório sob a forma de pinturas, esculturas e objetos, refletindo as orientações dirigidas aqueles que viviam nas terras coloniais. Assim, os exemplares remanescentes do período passam a constituir um rico espaço de investigação no que diz respeito à vida dos colonos sob o domínio português.

Tendo como base as igrejas paulistas, buscou-se detectar a recorrência de algumas invocações. Assim, foi possível observar que o tema da Sagrada Família, e todos os personagens a ela relacionados (frequente na iconografia portuguesa), ocupou um lugar de destaque nesses templos.

O presente estudo busca a partir do estudo das recorrências iconográficas em igrejas coloniais paulistas estabelecer possíveis relações entre o universo religioso e diversos aspectos da sociedade colonial luso-brasileira.

AS TIPOLOGIAS ICONOGRÁFICAS: A PARENTELA DE MARIA E A SAGRADA FAMÍLIA

Para Louis Réau (2008, p.135) os temas genealógicos ligados à Família de Cristo se dividem em três grupos: a árvore de Jesse, a Sagrada Parentela e a Sagrada Família. A árvore de Jessé se baseia na profecia de Isaías (Is 2, 1-3)¹, segundo a qual o Messias seria descendente do Rei Davi, filho de Jessé e na genealogia proposta por Mateus no seu Evangelho, ao tratar do nascimento e infância de Jesus². Desse modo essa temática estabelece uma relação entre a figura de Jesus e os reis de Israel.

A árvore genealógica de Jesus e de seus pais constitui um complexo e controverso universo de personagens, passando por algumas mudanças desde a Idade Média e com a intensificação dos cultos marianos, a “filiação davídica de José e Cristo” no século XVI praticamente havia sido substituída pela de Maria (REAU, 2008, p. 141).

Embora em Portugal a árvore de Jessé esteja presente em suas igrejas (como a da Igreja de São Francisco, no Porto), trata-se de um tema mais raro no Brasil e, especialmente em São Paulo, onde são mais frequentes as temáticas relativas a Sagrada Família e a Sagrada Parentela de Maria, por possíveis razões que abordaremos no transcórre deste trabalho.

A tipologia iconográfica denominada como Sagrada Família diz respeito especificamente à família de Jesus Cristo, e a Sagrada Parentela, se refere aos ancestrais de Jesus, pelo lado materno, e que tem a figura de Santana, mãe de Maria, como um elemento fundamental.

Trata-se de um tema apócrifo ligado ao tríptico matrimônio de Santana, envolvendo diversos personagens como os pais de Maria, tios, primos, sobrinhos e outros³.

Durante nossos levantamentos em igrejas do litoral e interior paulista foi possível verificar a recorrência de imagens ligadas à Sagrada Parentela. No entanto, além dos pais, outros personagens associados à família de Maria foram identificados como os pais de João Batista, Isabel (prima de Maria) e Zacarias e até a avó de Maria, Santana Emerenciana.

Porém é em torno dos ancestrais diretos de Maria, São Joaquim e Santana (especialmente como Mestra) que se concentra a maior parte das imagens paulistas relacionadas aos seus familiares. Em alguns casos, localizamos o par (Joaquim e Ana), como ocorre na igreja de Nossa Senhora do Carmo, em Santos, no litoral Sul do estado. Mas em geral, essas figuras são encontradas isoladamente (FIG. 1 e 2).

É interessante observar a recorrência das figuras femininas nas igrejas paulistas, especialmente as de Maria e de sua mãe, Santana. Vale destacar que, em São Paulo, a mulher muitas vezes assumiu, além de suas funções habituais de cuidar da criação, alimentação e educação dos filhos, o comando da casa, visto que os homens partiam em viagens exploratórias ou comerciais (FIG. 3).

¹ Acerca dessa profecia ver ainda o texto de Miquéias tratando a respeito do reino futuro de Iahweh em Sião (Mq 4, 1-3).

² “Livro da origem de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão:

Abraão gerou Isaac, Isaac gerou Jacó, Jacó gerou Judá e os seus irmãos, Judá gerou Faraése Zara, de Tamar, [...] Salmon gerou Booz, de Raab, Booz gerou Jobed, de Rute, Jobed gerou Jessé, Jessé gerou o rei Davi. Davi gerou Salomão, daquela que foi mulher de Urias, [...]. Josias gerou Jeconias e os seus irmãos por ocasião do exílio na Babilônia. Depois do exílio na Babilônia [...] Eliud gerou Eleazar, Eleazar gerou Matan, Matan gerou Jacó, Jacó gerou José, o esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, chamado Cristo.” (Mt 1, 1-16)

³ Segundo uma tradição relatada na Legenda Áurea (VORÁGINE, 2011, p.566-567), Santana teria sido casada por três vezes. Joaquim, pai de Maria e, portanto, avô de Jesus teria sido seu primeiro esposo. De uma segunda união, com Cleofás, Santana teria uma outra filha, Maria Cleofás (esposa de Alfeu e mãe de Tiago Menor, José o Justo ou Barsabás, Simão e Judas) e de uma terceira, esta com Salomé, teria dado a luz a Maria Salomé (casada com Zebedeu e mãe de Tiago Maior e João Evangelista).



FIG. 1 - São Joaquim e Santana. madeira policromada e dourada. século XVIII. Origem portuguesa. Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Santos, SP – Fotos: M. Bonazzi



FIG. 2 - São Joaquim e Santana. madeira policromada e dourada. século XVIII. Origem portuguesa. Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Santos, SP – Fotos: M. Bonazzi



FIG. 3 - Santana Mestra. Madeira policromada. Século XVIII. Igreja Matriz de Santana, Santana do Parnaíba, SP – Foto: M. Rosada



FIG. 4 – Santana Mestra. Madeira policromada e dourada. Mosteiro de São Bento, Jundiá, SP – Foto: M. Rosada

Assim, nesse contexto, considera-se bastante compreensível a recorrência de imagens em que Santana é representada como mestra, sentada muitas vezes em luxuosas poltronas evocando os tronos em estilo barroco, com espaldares altos. Simbolicamente, por meio da figura de Santana Mestra, a mulher era entronizada, representada como uma matriarca, detentora de um poder e de uma sabedoria, senhora de seus domínios, ainda que restritos ao lar e à prole (FIG. 4).

Leila Algranti, em sua obra “Honradas e Devotas: mulheres na colônia” (1999) comenta que apesar de na maior parte do território colonial, em especial nas áreas de extração aurífera, houvesse falta de mulheres, em São Paulo ocorria o contrário, visto que os paulistas “partiam para o sertão deixando suas esposas para trás”. Ainda que alguns esposos zelassem por sua família e pela saúde de seus lares, outros se transformavam em verdadeiros algozes violentos que humilhavam, maltravavam, espancavam suas mulheres, traziam para casa os filhos bastardos para que suas esposas os acolhessem.

Mary del Priore, em seu livro “Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia” (1993) por sua vez, com base em documentos do Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, localizou diversos processos que atestam os maus tratos aos quais muitas mulheres, e até mesmo os filhos, eram submetidos nos tempos da Colônia. Para elas, o conforto era na maior parte das vezes encontrado refugiando-se no convívio com os filhos, espaço esse no qual se fortaleciam e tinham a possibilidade de exercer algum domínio.

Ao lado dos familiares de Maria, temos a representação específica da família de Jesus, a Sagrada Família, também chamada de “Trinidade Terrestre”⁴, que se divide em dois grupos.



FIG. 5 - Santas Mães. Proced.: Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, São Paulo, SP. Acervo: Museu de Arte Sacra de São Paulo, São Paulo, SP – Foto: P. Tirapeli



FIG. 6 - Sagrada Família (grupo de Nossa Senhora do Desterro). Madeira policromada. Capela de Nossa Senhora do Desterro, Mosteiro de São Bento, Santos, SP - Foto: M. Rosada

⁴ Segundo Louis Réaus (2008, p. 153) a representação Trindade Terrestre, constituída por José, Maria e Jesus, ou ainda Santana, Maria e Jesus, seria um paralelo carnal da Trindade Celestial, formada pelas figuras do Deus Pai, Jesus e o Espírito Santo.

No primeiro deles, temos a iconografia das Santas Mães, ou Santana Tríplice⁵, quase um sub-grupo da Parentela de Maria, no qual o Menino é apresentado juntamente com sua mãe e sua avó. O Museu de Arte Sacra de São Paulo, guarda em seu acervo um majestoso exemplar dessa representação que, originalmente pertenceu Igreja da Irmandade da Boa Morte⁶, na capital. Nessa obra, vemos as duas mulheres sentadas, estando o Menino entre elas, seguindo uma estrutura compositiva encontrável em exemplares do Brasil e Portugal (FIG. 5).

Um outro caso localizado isoladamente é o da imagem de Santa Emerenciana, hoje guardado no Museu das Igrejas do Carmo, em Mogi das Cruzes. Embora essa escultura apresente perdas, é constituída pela figura de Emerenciana em pé, trajando as vestes carmelitas e em cada um de seus braços sustenta uma figura feminina de menores proporções: a da direita está sem o rosto e a da esquerda provavelmente teria sobre o braço esquerdo a figura de uma criança.

O segundo caso é o da representação de Jesus junto a seus pais.

Tem-se notícias de que em terras paulistas não era incomum a presença de representações da Família de Cristo nas igrejas, seja sob a forma de esculturas ou de pinturas. Geraldo Dutra de Moraes, em sua obra *A Igreja e o Colégio dos Jesuítas de São Paulo* (1979, p. 77), aponta que um dos retábulos da nave da antiga igreja dos inacianos na capital era dedicado a uma imagem de Nossa Senhora do Desterro de 1,54m de altura e outro era dedicado “à Sagrada Família, com as imagens de Jesus, Maria e José”.

Também no antigo mosteiro beneditino de Parnaíba encontrava-se um outro grupo da Sagrada Família, do qual atualmente restam apenas as imagens do Menino e de Nossa Senhora, essa última hoje guardada em uma coleção particular⁷.

Até o momento, em São Paulo, localizamos, em igrejas, dois grupos completos de Sagradas Famílias: um deles em Santos e outro em Jundiá.

O primeiro deles encontra-se no antigo mosteiro beneditino da cidade de Santos, litoral sul do Estado de São Paulo. Esse grupo escultórico, ocupa o nicho central do retábulo-mor da capela (FIG. 6); apresenta linhas arcaizantes e já é mencionado no Santuário Mariano, por Frei Agostinho de Santa Maria nas primeiras décadas do século XVIII, sendo que segundo o referido frei, o grupo já se encontrava nesse templo entre 1712 e 1714, conforme registros de Frei Miguel de São Francisco.

Aqui não muyto distante da Villa tem os Religiosos Monjes do Patriarca S. Bento hum Conventinho em hum alegre, & deliciofo bofque, & muyto a propofito para a vida contemplativa, espiritual & muyto próprio dos Monjes do grande Patriarca S. Bento, por ficar muyto retirado da Villa. Na Igreja defte Conventinho tem os Monjes hũa devotiffima Imagem de noffa Senhora do Desterro, com a qual não jó os Religiosos tem muyta grande devoção, mas os moradores da Villa de Santos. He esta Santiffima Imagem de efcultura de madeyra, com o Santiffimo Filho pela mão, & o Santo Patriarca Jofeph, feu amoroso ayo. Fazem-lhe a sua festividade aquelles virtuosos Monjes como a sua Protectora. Não me constou quem edificou aquelle Conventinho, nem quem naquella Igreja colocou a Senhora, nem o tempo em que se fez. He de efcultura de madeyra, & tambem o Senhor Menino, & S. Jofeph. Da Senhora do Desterro faz menção o Padre Frey Miguel de São Francisco na fua relação. (SANTA MARIA, 2007, p. 112).

⁵ O tema das Santas Mães, ou Santana Tríplice foi popular na Alemanha, desde o século XIV, e estendeu-se a outras regiões nos séculos XV e XVI, incluindo Portugal.

⁶ Na Igreja da Boa Morte, na região central da capital paulista, ainda hoje podem ser vistas nos intercolúnios do retábulo-mor as imagens do casal Santana e São Joaquim, ladeando a imagem de Nossa Senhora da Assunção (no alto do trono) e, sob ela a do orago da igreja.

⁷ O antigo mosteiro beneditino de Parnaíba desabou em fins do século XIX. A guarda de suas imagens foi distribuída entre famílias da região, capelas rurais, a própria Matriz e a Capela dos Vigários (SILVA NIGRA, 1971, p. 62-63)

O grupo da Igreja de Nossa Senhora do Desterro, da Catedral de Jundiá, é um imponente conjunto da Sagrada Família exposto no nicho retabular da capela mor. A igreja, iniciada em 1651, foi dedicada à Sagrada Família, tendo como padroeira Nossa Senhora do Desterro (FIG. 3). O grupo, em madeira policromada e dourada, de provável procedência portuguesa, é mencionado no tomo da Matriz, datado de 1747⁸.

Tanto no conjunto de Jundiá quanto no de Santos observa-se a Sagrada Família representada em consonância com a iconografia contrarreformista: a Virgem segue a pé, como São José e, entre eles, o menino, que caminha de mãos dadas com os pais, o que conduz a uma leitura de que o menino estaria aí com quatro ou cinco anos. Esse padrão substituiu o modelo mais tradicional no qual Maria, era representada montada em um burro, com o Menino ainda bebê, no colo. José, por sua vez seguia a pé, puxando o animal. Em algumas representações surgem também um anjo escoltando o grupo, ou ainda São Tiago Menor (primo de Jesus) e a parteira Salomé, compondo assim uma pequena caravana⁹ (REAU, 2008, p. 293).

Nos dois conjuntos aqui mencionados vemos a figura de São José de Botas, que no período colonial brasileiro, do ponto de vista iconológico, remetia possivelmente aos senhores de terras, os senhores de engenho. Dadas as atividades comerciais que permeavam a realidade dos paulistas de então, particularmente em São Paulo, essa figura pode estar relacionada aos viajantes, aqueles que enfrentavam os sertões, assim como os outros personagens do grupo (Maria e o Menino), já que ambos portam cajados, reforçando a ideia de que poderiam estar em uma longa caminhada. Ressalta-se ainda que, no grupo de imagens da cidade de Santos, os trajes dos personagens são aparentemente mais rústicos do que os do grupo de Jundiá, e a figura de São José, traz inclusive, um grande chapéu caído às costas, quase numa menção aos acessórios usados pelos viajantes paulistas.

Convém destacar que as imagens de São José foram bastante frequentes nos templos coloniais paulistas, o que permitiu que muitos desses exemplares chegassem aos nossos dias, preservados nas igrejas ou em museus. Nessas obras ele é em geral representado segundo a iconografia do século XVI, quando o aspecto de homem idoso (representação medieval) é substituído pelo de um adulto com cerca de 40 anos, suficientemente forte para oferecer segurança à família. Entre as imagens de São José localizadas em terras paulistas, ele apresenta em geral barba e cabelos longos, que lhe caem pelos ombros e um longo bastão florido, está sempre em pé, em geral levando o Menino no braço¹⁰ (FIG. 8).

Sabe-se que, principalmente a partir do Concílio de Trento, José foi transformado em verdadeiro modelo de virtude, castidade, pobreza e obediência, especialmente entre as ordens monásticas, tornando-se, um dos santos mais venerados da Igreja Católica e, desde o último quartel do século XIX, promovido a “patrono da Igreja universal” (REAU, 2001, v. 4, p. 164). Nos conventos o culto a São José recebeu grande atenção, sendo Santa Tereza uma das suas mais fiéis mais devotas. O mesmo ocorreu entre franciscanos e jesuítas, de modo que ao longo dos séculos XVI e XVII muitas fundações tomaram esse santo como seu protetor.

⁸ Ao longo do século XIX e primeira metade do século XX a Catedral de Jundiá passou por várias reformas envolvendo a parte arquitetônica, a decoração interna do templo e também as imagens retabulares. No mesmo tomo, de 1747 são citadas como parte do acervo da igreja, além do grupo da Sagrada Família que hoje lá se encontra, uma imagem de Nossa Senhora do Desterro com o menino, que ficavam na sacristia da igreja, porém até o momento não localizamos tais peças.

⁹ Há também a variante em que José carrega o Menino sobre os ombros (José Cristóforo), representação que reaparece nos séculos XVI e XVII.

¹⁰ Algumas dessas imagens podem ser vistas na Igreja do Mosteiro da Luz e na Basílica do Carmo, em São Paulo, nas igrejas matrizes de Santana do Parnaíba e Areias, na de Nossa Senhora do Rosário, em Atibaia e no Museu das Igrejas do Carmo, em Mogi das Cruzes, entre outras.



FIG. 7 - Sagrada Família (grupo de Nossa Senhora do Desterro) posicionada no andor para a procissão. Madeira policromada e dourada. século XVIII. Catedral de Nossa Senhora do Desterro, Jundiaí, SP - Foto: M. Bonazzi



FIG. 8 - São José com Menino. Madeira policromada e dourada. século XVIII. Igreja Matriz de Santana, Santana do Parnaíba, SP – Foto: M. Rosada

No período colonial brasileiro, como protetor da esposa e da família, José pode ser associado a um símbolo de uma sociedade patriarcal, encerrando ao lado das figuras de Maria, Joaquim e Santana, um círculo de personagens que representaria as bases de uma sociedade a ser constituída por famílias estáveis, como pregava o Catecismo Romano Tridentino, segundo o qual, o “matrimônio” seria a união marital de um homem com uma mulher, entre pessoas legítimas, constituindo uma sociedade indissolúvel, uma instituição oficialmente aceita dentro de uma sociedade, cujos valores eram pautados pela fé e pelos interesses políticos e econômicos (PASSOS, 2015, p. 399).

AS IMAGENS RELIGIOSAS E SUAS POSSÍVEIS RELAÇÕES COM A FAMÍLIA NA SÃO PAULO COLONIAL

Apontamos aqui para a presença de dois grupos completos de Sagradas Famílias (Maria, José e o Menino) ainda em exposição em igrejas paulistas.

A recorrência desses grupos nas igrejas, bem como a de outras imagens relacionadas à família de Cristo e de seus antepassados, principalmente de Santana, pode representar uma preocupação em torno do núcleo familiar, especialmente da presença feminina nesse contexto, o que nos leva a refletir acerca do papel da mulher na realidade da colônia.

Poucas eram as mulheres que acompanhavam os maridos na jornada rumo à possibilidade de enriquecimento nas terras da América. A maior parte das esposas permanecia na metrópole aguardando pelo retorno do marido, ou quando ainda solteiras, também o faziam na espera pela concretização de uma promessa de casamento, que muitas vezes não ocorria (ALGRANTI, 1999, p. 63). Surgia assim um problema: a falta de mulheres brancas com quem os portugueses pudessem se casar, conquistar e povoar a colônia. Embora as nativas presentes nas novas terras se mostrassem como uma opção bastante convidativa, determinados padrões impostos pela cultura europeia que pretendiam uma “pureza de sangue”, com raras exceções, favoreciam tais enlaces.

Essa situação fez com que a Coroa adotasse medidas de incentivo e proteção ao matrimônio, chegando a limitar as atividades dos solteiros nas novas terras, oferecendo benefícios para aqueles que aceitassem se casar; impedindo, inclusive, a fundação de conventos femininos, que poderiam significar uma possibilidade de fuga, por parte das mulheres, para evitar uniões indesejáveis com os truculentos solteiros da colônia, por meio da vida monástica. Muito além de um desejo de consagrar os dias à religião, tal escolha, poderia comprometer os interesses dirigidos ao povoamento das novas terras.

O matrimônio poderia assim representar um verdadeiro “passaporte” para a ascensão econômica e social dos solteiros, visto que tais casamentos vinham acrescidos da promessa de postos na administração, além de representar a possibilidade de fixação da população nas novas terras e a formação de uma relação de maior proximidade entre o colono e a terra (PASSOS, 2015, p. 398-400).

Convém observar que a presença da mulher na sociedade colonial estava diretamente relacionada à função de colaboradora no processo de dominação e de povoação das novas terras, para tanto era fundamental o desempenho do papel de boa esposa e mãe, recolhida ao lar, submissa ao marido e dedicada exclusivamente à família. As mulheres, ao mesmo tempo que se tornavam reclusas em seus lares, se apegavam aos filhos e ao lar, por meio do que se tornavam, de certo modo, sócias de um processo de ordenamento dessa sociedade.

Principalmente em São Paulo, terra de onde partiam muitas bandeiras e que representava território com rotas comerciais que ligavam o norte e o sul do território, muitos desses maridos se afastavam dos lares por longos períodos, em virtude de suas atividades.

A representação da Sagrada Família e de todos os demais familiares de Cristo, especialmente as mulheres, colabora para reforçar a necessidade do estabelecimento das uniões estáveis e frutíferas. A presença do conjunto trino José-Maria-Jesus, pode significar nesse ambiente o exemplo da família “bem constituída”, segundo o “desejo de Deus”. A mulher, jovem e mãe, dedicada aos cuidados dos filhos e do esposo. Este, por sua vez, um homem mais velho, porém forte, pronto para enfrentar as vicissitudes da estrada, proteger os seus dependentes, conquistar seu espaço em uma terra distante.

O destaque conferido a grupos de imagens como a Sagrada Família e as da Parentela de Maria pode indicar a realidade político-social da colônia favorecendo a difusão de cultos que valorizassem o núcleo familiar convencional (pai, mãe, filhos) entre homens e mulheres livres, como uma forma de incentivar uniões que pudessem resultar em um aumento da população legítima nas novas terras. Especificamente no contexto colonial paulista, sobretudo os grupos de Sagradas Famílias, e principalmente a figura de Nossa Senhora do desterro, podem representar também um símbolo da conquista e ocupação das novas divisas, um traço de empreendedorismo em uma terra de viajantes, onde se empreendiam bandeiras para reconhecer, desbravar, ampliar fronteiras, buscar riquezas e conquistar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e devotas: mulheres da Colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Ednub, 1993.
- A *BÍBLIA* de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.
- DEL PRIORE, Mary. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, DF: Ednub, 1993.
- MAZZUIA, Mario. *Jundiá através de documentos*. Campinas: Empresa Gráfica e Editora Palmeiras, 1978.
- _____. *Jundiá e sua história*. Jundiá: Prefeitura Municipal de Jundiá, 1979.
- MOUTINHO, Stella, PRADO, Rúbia Bueno do., LONDRES, Ruth. *Dicionário de Artes Decorativas & decoração de interiores*. Rio de Janeiro: Lexicon, 2011.
- OLIVEIRA, Myriam Andrade R.. A imagem religiosa no Brasil. In: Aguilar, Nelson (org.). *Mostra do Redescobrimento: Arte barroca*. São Paulo: Associação Brasil 500 anos Artes Visuais, 2000. p. 36-79.
- PASSOS, Maria José Spiteri Tavoraro. *Imaginária retabular colonial em São Paulo: estudos iconográficos*. Tese (Doutorado em Artes Visuais). Instituto de Artes – Universidade Estadual Paulista – UNESP. São Paulo, 2015.
- RÉAU, Luis. *Iconografía del arte Cristiano*. Iconografía de la Biblia. Nuevo Testamento. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2008.
- _____. *Iconografía del arte Cristiano: iconografía de los santos*. Barcelona: Ediciones de Serbal, 2001. 3v.
- SANTA MARIA, frei Agostinho de (1642-1728). *Santuário Mariano e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora: tomo decimo, e ultimo*. Lisboa Occidental, na Officina de Antonio Pedrozo Galram com todas as licenças necessarias, anno de 1723. Reedição ilustrada: Rio de Janeiro: INEPAC, 2007.
- SILVA-NIGRA, Dom Clemente da. *Os dois escultores Frei Agostinho da Piedade – Frei Agostinho de Jesus e o Arquiteto Frei Macário de São João*. Salvador: UFB, 1971.
- TIRAPELI, Percival. *Igrejas paulistas: barroco e rococó*. São Paulo: Edunesp, 2002.
- VORÁGINE, Santiago de la. *La leyenda dorada*. Madrid: Alianza Editorial, 2011. 2v.